

O DONO DO NEGÓCIO

Artigo da série – “Cases”

Começou do nada, era empregado de um pequeno negócio, chegado do interior, precisando de trabalho para se alimentar, de um local para se proteger...

Ah! Eram tempos difíceis, tudo estava por se construir, e ele, jovem disposto ao trabalho, inteligente, ambicioso (mas não ganancioso!) viu a oportunidade de fazer a vida.

Foi trabalhando muito, mostrando seu valor, sempre disposto e disponível nas horas necessárias, bem ao gosto do dono do negócio, estrangeiro estabelecido por estas bandas, e também povo muito trabalhador, que veio para vencer na nova terra.

Com o passar do tempo, confiança da família já ganha, o trabalho sustentando seus sonhos, o desejo de construir família se manifestando, o amor fazendo pequenas aparições na filha do patrão, ela também se apaixonando, os pais fazendo gosto, tudo iria bem, não fossem os cunhados que só queriam usufruir das regalias e do conforto proporcionado pelos pais.

Casados, filho querido, maior ainda a luta e a obstinação por vencer. A esposa cuidava do lar e do filho, e ele lutava por fazer prosperar a empresa, pois em um momento de queda no mercado, em reviravolta das muitas que se sofreu neste país, aproveitou a pequena poupança que tinha juntado e tornou-se sócio do sogro. Homem trabalhador, acostumado a produzir resultados, sempre atento ao financeiro, à produção e à clientela e sua satisfação, foi crescendo, os negócios prosperaram em sua administração, até que por fim o sogro, já velho e cansado, com filhos que não mostravam interesse real a não ser o de usufruir, lhe vendeu outra parte, e assim se tornou majoritário.

Estava realizado o sonho, mas não o plano de vida, que a esta altura, já crescera bastante e tornou-se muito maior do que o que já existia; logo veio a expansão, a compra de um grande e portentoso imóvel, à época, só dele e de sua família, grandes negócios, o mercado aquecido, capital de investimento no caixa, a compra de um negócio fazenda, o sucesso empresarial, o orgulho de dar emprego a centenas de pessoas, o respeito da sociedade, grandes viagens da família à Europa (não dele, que já se acostumara tanto ao trabalho, que mais lhe parecia diversão e vida, pois o sucesso é uma excelente fonte energizadora).

Mas o mercado estava mudando, a cultura local estava se modificando, a cidade estava se movendo, e ele estava muito ocupado trabalhando e produzindo para poder perceber. A esposa amada, grande companheira, muito doce e amável, trabalhava muito também e ajudava muito, mas tinha o coração doce demais para os negócios, e sempre ajudava aos que se aproveitavam de sua candura; o filho, criado com todo o carinho e esmero, sem sofrer as agruras do pai, nunca esteve pronto para lutar como seu pai ou seu avô materno. Não tinha as características necessárias, nem a fibra e nem o tino comercial. Inteligente era, e muito, mas sem domínio próprio e nem força de vontade suficiente para o que viria. Casou-se com uma bela mulher, destas muito inteligentes, que sabem

conduzir um homem, que sabem preparar um bote sobre a vítima ingênua. Tiveram filhos, eram felizes, ao menos enquanto ele fizesse as vontades dela, bancasse o luxo e a luxúria, e lhe permitisse manifestar a vaidade, a tolice e a arrogância como rainha de seu coração, mas ele a amava e a amou, quase que unilateralmente, por muitos anos. Estudante de administração, daqueles que acreditavam no que a escola e os professores ensinavam, ainda fez pós-graduação em mercadologia. Tinha uma enorme facilidade de relacionamento, flexibilidade no trato, capacidade de articular e gosto por inovações, mas faltava garra, dominância, iniciativa e, principalmente, controle sobre os negócios e suas finanças.

Quando os negócios começaram a cair, por força do mercado e suas movimentações, nunca quiseram acreditar que estavam tendo algum tipo de problema. A vida ainda estava boa, havia crédito, respeitabilidade e uma concorrência honesta; mas vieram os tempos de crise, as mudanças sociais, a concorrência predatória, os novos valores, um novo mundo enfim, e não estavam preparados para tudo aquilo, claro que não, o sucesso anterior os fazia crer em sua continuidade...

Mas o filho não era empreendedor como o pai, não tinha sua garra para o trabalho árduo, era mais voltado ao trabalho intelectual, às estratégias, e assim os negócios foram declinando lentamente, e no momento mais difícil, os cunhados tomam, por força de lei, o primeiro negócio, que só retornaria anos mais tarde, depois de ter sido completamente espoliado.

Já não havia mais condições de reversão. Os empregados outrora responsáveis, amigos e produtivos, eram agora atrevidos inimigos, buscando na justiça os vários salários não recebidos na administração anterior, tratando com desprezo o cliente, sem a devida visão do negócio, esquecendo-se que era dali que viria o sustento e a “arrumação da casa”, pensavam que ainda estavam no tempo em que podiam se dar ao luxo de olhar o cliente por cima...

Foi-se o primeiro negócio, e antes que pudesse contaminar todos os outros, todas as tentativas sensatas e legais para contornar tal situação foram tentadas e executadas. Algumas foram muito eficientes, a tal ponto que deixaram o patrimônio a salvo, apesar de alguns já terem sido perdidos para cumprir com os compromissos legais. Neste tempo, o filho foi de muita importância, pois era sua área de atuação, sabia como deveria fazer para salvaguardar o que pudesse ser ainda salvo. Mas ainda não acordara completamente para a nova realidade; continuava vivendo e gastando como se nada houvesse acontecido, pressionado pela fúria consumidora da esposa, agora ajudada pelos filhos.

A mãe ficara doente, o pai também, demandando cuidados e altos gastos, as dificuldades financeiras se acumulando a cada dia, os negócios indo muito mal, o confronto e o conflito constante com o pai, as acusações de ambas as partes, o pai, empreendedor, achando o filho muito “frouxo” para os negócios, e o filho, executivo, achando que a culpa de tudo era do pai, que não soube administrar bem os negócios e ainda lhe cobrava resultados na hora mais difícil de sua vida pessoal e empresarial.

Sim, porque a esposa querida tornou-se a mais ferrenha inimiga na justiça, levou metade de todos os bens herdados, mesmo porque ele ainda a amava e não tinha agressividade suficiente para lhe enfrentar, até por amor dos filhos, e fez questão de lhe

dar aquilo que não era legalmente devido. Ela levou uma das propriedades e um dos negócios, acabou com o negócio, simplesmente por absoluta incapacidade de administrá-lo, e colocou a propriedade à venda, por preço de qualquer coisa, pois que, apesar de muito esperta e maliciosa, não tinha o menor tino comercial e ainda estava desesperada por dinheiro, na ilusão de novamente voltar aos tempos de consumo desenfreado. Os filhos, como caramujos em ambiente hostil, entraram em suas carapaças e passaram a viver seu mundinho pessoal, onde habitavam as derrotas, a decadência física, moral e psicológica.

Ele, com a propriedade e o negócio que lhe restou, em um momento de desespero empresarial, acabou por cair nas mãos dos diversos profissionais especialistas em trapacear e aplicar golpes bem engendrados, ficando sem o negócio, sem a propriedade e sem sua vida pessoal.

Pronto, acabou-se uma era. Mas ele era competente, só não sabia disto, e não acreditava mais em si mesmo. Um dia, por conta do acaso, em um destes bares feitos para acolher a derrota e a decadência humana, em um desabafo constrangedor, encontra uma outra pessoa, que outrora fora também poderosa e feliz, mas que então estava nas mesmas condições. Esta tinha alguns conhecimentos e competências diferente das dele, mas que perceberam serem bastante complementares. Tiveram a felicidade de se consolarem, e surgiu uma amizade, e da amizade um negócio, e deste uma esperança; hoje, correm o risco de se tornarem novamente milionários, e de se amarem, e de serem felizes.

Graças a Deus, o passado foi o mais excelente professor, e a sabedoria fez com que repensassem tudo, até a própria vida, e aprendessem a lição verdadeira, de que a luta é contínua, não existe sucesso no passado, só no futuro; não podemos nos dar ao luxo de parar e usufruir tranquilamente, descompromissadamente, acreditando que o mundo irá parar para nos cumprimentar.

Não existe este mundo, só existe aquele em que vencedores se alegram em suas pequenas vitórias de todos os dias, e aproveitam para construir a vitória de amanhã, com obstinação e sabedoria, com confiança e prudência, com os valores certos e a visão de mundo correta.

Anuar S. Mattar

Konos Human Achievement
www.konos.com.br